

Mapeamento dos Taquareiros nos assentamentos e arredores do município de Lebon Régis - SC

Eliane do Prado

José Luiz Kinceler (in memoriam)

Tereza Mara Franzoni

Este trabalho apresenta parte de uma pesquisa realizada como requisito do Curso de Especialização em Arte no Campo oferecido pela UDESC-Universidade do Estado de Santa Catarina numa parceria com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e com o apoio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A pesquisa é relacionada aos *taquareiros* que fazem peças artesanais de taquara, uma espécie de bambu fino e maleável. De suas fibras é possível tecer balaios, peneiras, cestos entre outros. Essas pessoas, artesãs, que moram nos assentamentos e arredores do município de Lebon Régis, Timbó Grande e Santa Cecília, chamaram a atenção para pesquisa e simultaneamente, causaram preocupações pelo motivo de dar a impressão dessa tradição estar desaparecendo, devido seus descendentes não continuarem fazendo esta Arte. Neste sentido, aprouve registrar seus saberes no intuito resgatar, valorizar e divulgar o trabalho/Arte por eles desenvolvido.

Palavras-Chave: Mapeamento. Taquareiros. Arte

INTRODUÇÃO

O foco da pesquisa realizada foi sobre os taquareiros e sua Arte, feita a partir da planta denominada taquara, sob a perspectiva da necessidade do ser humano criar e adaptar o meio em que vive para seu conforto, desde os tempos remotos.

Deste modo, resgatar essa cultura, chamando a atenção das gerações mais novas para que não deixe de ser praticada foi de fundamental importância. O planejamento de etapas para a realização da pesquisa foram esquematizadas de maneira a juntar a teoria das disciplinas estudadas no tempo universidade¹ e a prática, no trabalho desenvolvido no tempo comunidade².

Mapear os taquareiros existentes nos assentamentos não foi um objetivo fácil de ser atingido, visto que foram três municípios visitados para poder encontrar essas pessoas que praticam essa tradição. Após encontrá-los, uma breve entrevista foi realizada na tentativa de mostrar interesse na sua Arte³. De início percebeu-se certa desconfiança em compartilhar seus saberes. Após a segunda ou terceira visita houve maior intimidade para que o aprendizado do trançado (cestaria) acontecesse.

¹ Período de estudos das disciplinas propostas pelo curso no espaço universitário.

² Período de trabalho desenvolvido nos assentamentos ou escolas de assentamentos.

³ Chamo de Arte a habilidade dos taquareiros em produzir de forma consciente e racional peças variadas que aprenderam com seus antepassados.

Aprender e registrar por meio de fotos o passo a passo das técnicas de manejo utilizadas por eles, com o propósito de ensinar um grupo de alunos de uma escola do campo, foi de muita responsabilidade, pois os taquareiros são exigentes na escolha do material e na confecção das peças.

A socialização da pesquisa para a turma de primeiro ano do Ensino Médio da Escola de Educação Básica 30 de Outubro foi por meio de oficinas. Essas foram bem aceitas não apenas pela turma, mas por toda a comunidade escolar devido as visitas anteriores à proposta e os alunos serem participativos, curiosos e receptivos à pessoas e atividades diferenciadas.

As oficinas foram desenvolvidas com base na arte relacional⁴, o que possibilitou uma reflexão sobre a Arte dos taquareiros existentes nas localidades visitadas. Por meio das oficinas foi possível perceber que essa Arte necessita de incentivo e valorização, mostrando sua importância para as pessoas mais novas, sob a possibilidade de desaparecer num futuro bem próximo.

TECENDO EXPERIÊNCIAS

Entre as disciplinas curriculares do curso de especialização em Arte no Campo, a disciplina “Oficina de Mapeamento”⁵ (como suporte de informações), serviu de motivação inicial para os taquareiros serem mapeados, tornando o trabalho acadêmico mais interessante e principalmente necessário para saber onde encontrá-los, em caso de necessidade para ministrar oficinas, dar entrevistas ou fazer encomendas para as Feiras da Reforma Agrária.

Neste caso, o mapeamento utilizado foi o chamado mapeamento social por tratar-se de situações vividas por determinado grupo tradicional – os taquareiros – e ao mesmo tempo pesquisada de maneira qualitativa, instrumentalizando o grupo auto-cartografado. Várias formas de mapeamento vem sendo realizadas de acordo com interesses específicos como enfatizam Acselrad e Coli (2008, p. 40):

Verificamos, como no Brasil, as experiências podem estar associadas tanto à afirmação identitária e territorial de grupos subalternos, como à fundamentação cognitiva da gestão racional de recursos naturais, a formas de explicitação de conflitos sócio-territoriais ou a formas de antecipação dos mesmos para fins de controle estatal do território.

⁴ Movimento artístico que teve início na década de 1990, caracterizado por dar mais importância às relações estabelecidas do que com o próprio objeto artístico em si. Os trabalhos que se identificam com este movimento artístico tendem a acontecer dentro de atividades e situações do cotidiano. O primeiro uso do termo “arte relacional” é atribuída a Nicolas Bourriaud.

⁵ Estudo do processo de mapeamento participativo, desenho e usos do processo de mapeamento quanto processo de formação com produção de mapas relacionadas às demandas dos movimentos sociais com coleta e sistematização de informações.

Deste modo, mesmo sendo uma pesquisa de característica empírica, foi apropriada para a coleta de informações, possibilitando também criar um vínculo afetivo entre pesquisadora e entrevistados, tanto para aprender e conhecer suas experiências de vida, quanto para aprender suas técnicas mais específicas e divulgar posteriormente no ambiente escolar. Sob orientação dos professores, a partir daí o propósito foi localizá-los, conviver um tempo com eles, entrevistá-los, registrar e aprender suas técnicas para poder ensinar à outras pessoas durante o tempo comunidade. Através do mapeamento, foi possível fazer um resgate desta cultura nos assentamentos São Roque e Rio dos Patos.

Todos os taquareiros afirmaram que a fase da lua adequada para cortar a taquara é a mingunte. O modo de selecioná-las e desfiá-las para tecer, também a confecção das peças são semelhantes.

As expectativas quanto aos resultados da pesquisa foram desde o resgate e valorização, tanto do artesanato em si, como das pessoas que ainda o fazem, sendo estas em sua maioria, pessoas idosas, as quais não repassaram este conhecimento a seus descendentes devido a alguns empecilhos, como falta de tempo em alguns casos e desinteresse em outros.

O tempo decorrido do início da pesquisa (mapeamento dos taquareiros), onde se comprovou o desuso desta prática, até a divulgação aos educandos, internautas e sociedade em geral, foi do mês de abril até dezembro de 2015. A exposição dos resultados da pesquisa foi possibilitada através de uma oficina desenvolvida no Tempo Comunidade, no Assentamento Rio dos Patos, de acordo com a exigência do curso.

A oficina desenvolvida com os educandos do primeiro ano Ensino Médio consistiu em partilhar a pesquisa realizada com os taquareiros, desde o mapeamento, por meio de slides, até colher e tecer uma peça em taquara. Esta foi a maneira encontrada para socializar este conhecimento.

A admiração pela Arte, saberes e fazeres das pessoas mais velhas, com quem eles aprenderam, e os motivos que os levam a continuar essa tradição, conversar e ouvir suas histórias, construindo vínculos e quem sabe, até amizades proporcionaram uma pesquisa prazerosa, de satisfação pessoal.

O primeiro taquareiro entrevistado foi Ataíde Veiga de Souza, residente no assentamento São Roque, interior do município de Santa Cecília, de divisa com o município de Timbó Grande. A distância da cidade de Lebon Régis, onde saí até a residência dele é de aproximadamente 80Km de asfalto, mais 12Km de estrada de chão, totalizando 92km. A primeira visita foi em abril de 2014, tendo a continuidade de mais duas vezes.

Somente na terceira visita, foi possível concretizar a entrevista. Com um pouco de dificuldade, mas com muita perseverança, passamos por carreiros e cercas de arame farpado para chegar até o capão de mata nativa, onde encontramos as taquaras.

O entrevistado possui características da roça, com seu facão na cintura e cachorros na sua companhia para ir ao mato buscar taquara. Segundo ele, esses cachorros servem para sua segurança, para cuidar do gado e até para aproveitar alguma caça que por ventura apareça.

Quando indagado sobre seu trabalho com a taquara, relatou que aprendeu com seu avô, quando ainda era criança e já ensinou para várias pessoas. Não vê o que faz como arte e nem a tem como fonte de renda, apenas como peça utilitária.

Na ida à campo, mostrou que as taquaras escolhidas para serem cortadas devem ser aquelas de gomo mais longo, não sendo acinzentadas porque são as mais velhas e nem as mais finas por serem muito novas e quando uma taquara muito nova é usada para tecer uma peça, ao secar ela enruga, afrouxando e raleando o trançado, deixando a peça com frestas (buracos) e molengo, sem segurança para carregar peso.

Em suas palavras, “A taquara tem que ser cortada na lua minguante porque não fica afiada nem quebradiça. Fica melhor de trabalhar porque se dobra mais, fica mais macia. Nessa lua tem mais água na taquara, além de não carunchar”.

Seu Ataíde relata que seu lote é um dos poucos do assentamento que tem um “capão” de taquara, o que faz com que ele cuide para não acabar. Tira apenas de vez em quando, escolhendo com cuidado, já que usa a taquara para fazer poleiro para as galinhas, cerca para a horta, entre outras coisas necessárias para a vida na roça.

Ao ouvir essas palavras, percebe-se o vínculo com a mãe natureza. Apesar de nesta região, muitos lotes da Reforma Agrária estarem rodeados por pínus das grandes empresas e ainda alguns assentados trabalharem para elas, ao indagar sobre ir embora para a cidade, a resposta é não. “Nossa vida é simples, mas estamos no que é nosso, fazendo o que gostamos, o que sabemos fazer”, diz seu Ataíde.

Quando chegamos em sua casa, com seu facão afiado, mostrou como lascar as taquaras o mais reto possível e da mesma largura para a homogeneidade no tecido da peça. Colocou-as ao sol para murchar durante o intervalo para o chimarrão e em seguida o almoço.

O fato desta família receber uma estudante como visita, além das

outras pessoas que já estavam na residência trouxe o gosto pela amizade, laços de afetividade e a satisfação do dono da casa em perceber que alguém de fora veio até ele para valorizar algo que até então ninguém tinha visto como Arte, apenas como algo comum para o dia a dia, podendo ser substituído por algum vasilhame comprado, ou seja, industrializado, como uma caixa plástica, por exemplo.

Tal reflexão comparativa entre a vida corrida das cidades e a calma-ria do campo faz lembrar o que o autor Félix Guattari (2009), em seu livro *As três ecologias*, afirma que são exemplos como esse, nos quais podemos perceber os modos dominantes de valorização das atividades humanas.

O capitalismo pós-industrial que, de minha parte, prefiro qualificar como Capitalismo Mundial Integrado (CMI) tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens, etc (GUATTARI, 2009, p. 29-30).

Analisando tal citação e comparando com a vida diária de seu Ataíde, percebe-se que apesar de ter necessidade de trabalhar e comercializar, é opção dele fazer o que é de seu uso em sua propriedade, pois segundo ele, não é necessário comprar o que ele mesmo pode fazer, tendo ainda momentos de prazer em praticar o que gosta, a Arte com taquara.

Para mostrar melhor a próxima etapa do processo da construção de um cesto, aguardamos murchar as fibras da taquara para então aprender a tecer. Esta foi uma peça que eu já tinha como objetivo, aprender para então poder ensinar para outras pessoas em meu Tempo Comunidade. A etapa de maior dificuldade foi o início, o fundo, para então subir o tecido dando formato à peça. As fibras são duras e afiadas, o que exige certo cuidado para manuseá-las.

Após ter observado as etapas básicas para tecer uma peça de taquara, meu desafio foi fazê-la sem auxílio em minha casa, para treinar. Agora, sem a ajuda do seu Ataíde, apenas com as orientações que tive, tecer o melhor que pudesse até ficar boa a ponto de poder ensinar para alguém. Foram várias tentativas com o objetivo de tecer o cesto com maior perfeição.

Para tecer as peças foram necessárias várias idas ao mato para colher a taquara, mas agora com um pouco mais de segurança pelo conhecimento adquirido de cada colheita, de cada tentativa. Nem sempre deu certo,

muitas vezes taquaras erradas foram colhidas, mas com obtenção de êxito após algumas tentativas, de maneira que já poderia me propor a ensinar a alguém.

Seguindo para cidade de Timbó Grande, onde os assentados têm o costume de fazer feiras dos produtos da Reforma Agrária, estavam à venda várias peças de taquara. Logo, busquei quem as fazia, chegando até uma senhora chamada Angelina, segundo ela taquaireira desde criança.

Em data marcada, mais precisamente em julho de 2014, fui até sua casa, que fica na cidade de Timbó Grande-SC, em uma Cohab. A mesma falou com gosto de seu trabalho. Contou com orgulho que é convidada a ensinar grupos de pessoas, como a terceira idade e APAE. Relatou ainda que faz parte de uma cooperativa de artesãos da cidade, a COOPERARTE. Por fazer parte da cooperativa, visita vários outros municípios e até outros estados divulgando sua Arte.

Dona Angelina aprendeu a tecer a taquara com sua mãe desde criança, “acho que temos sangue de bugre”, disse ela sorrindo. Quanto aos seus filhos, a maioria casados, diz que até a ajudam buscar taquara no mato, mas, não seguiram seus ensinamentos. Comentou que, “todos são empregados, não têm tempo pra essas coisas não”.

Nessa fala, percebe-se que a necessidade de ir a busca de trabalho pode afastar as pessoas de sua cultura em virtude da venda de sua mão de obra com horários a cumprir e dias a preencher, o que aos poucos afasta o sujeito de seu meio, de sua tradição conforme as palavras de Reinaldo Laddaga:

Porque para entender a formação do tipo social do artista que é a condição dessa dinâmica de autonomização poder-se-ia estabelecer – dizia Bordieu – uma analogia “com a situação do criado, ligado por vínculos pessoais a uma família, e a do trabalhador livre [...] que, liberado dos vínculos de dependência dirigidos a limitar ou impedir a venda livre de sua força de trabalho está disponível para enfrentar o mercado e sofrer suas imposições e suas sanções anônimas, muitas vezes implacáveis do que a violência branda do paternalismo (LADDAGA, 2012, p. 148-149).

Independente do motivo dessa tradição estar sendo deixada de lado, seja por falta de tempo ou por desmotivação o fato é que esse conhecimento, essa Arte necessita ser estudada, registrada principalmente dentro dos assentamentos, como forma de resistência cultural.

No encontro com Dona Angelina, percebi certa preocupação em

não deixar esse legado para ninguém de sua família. “É um gosto pra mim fazer o que minha mãe me ensinou, só não sei se quando eu me for, alguém dos meus vai continuar. Uma porque a taquara tá ficando mais difícil, é no terreno dos outros, tem que pedir pra tirar, outra porque eles não tem tempo e às vezes nem vontade”.

Ela afirmou que não tira seu sustento do artesanato, no entanto, ganha “um dinheirinho” com ele, principalmente quando é exposto nas feiras ou ministra alguma oficina. Disse ainda que esse saber foi uma herança de sua mãe, além de inventar outras peças com o passar do tempo, e que irá trabalhar com essa arte enquanto puder.

Em visita a mais um taquaireiro, o senhor Nildo Rodrigues de Marafigo, morador da localidade de Lageadinho, que fica a 32 km da cidade, estrada de chão, no interior do município de Lebon Régis, outras experiências foram encontradas.

Olhando tão perfeitas peças, observei que entre o artesanato da dona Angelina, do seu Ataíde e do seu Nildo havia diferenças na posição das fibras. As peças que a dona Angelina confecciona são de tamanho menor e de um trançado (tecido) diferente, sendo mais apropriados para decoração ou utensílio para dentro de casa.

O trançado do seu Nildo e do seu Ataíde são iguais. São iniciados e arrematados da mesma maneira. As peças, principalmente aquelas confeccionadas pelo seu Nildo são bem grandes, tanto os cestos quanto os balaios. Ele relatou que faz os pares para carregar milho no lombo dos cavalos, o que exige certa precisão para que os cestos fiquem de tamanho praticamente igual “Para não judiar dos cavalos”.

Ao contrário dos outros entrevistados, seu Nildo não aprendeu a técnica com familiares, e sim com um vizinho para o qual ele trabalhava quando ainda muito jovem. Assim, como os outros taquaireiros, nenhum de seus filhos aprendeu essa arte. Outra queixa dele é que por motivo de saúde não pode mais buscar taquara no mato. Quem traz a taquara do mato para ele é um de seus genros.

Apesar dos problemas de saúde, seu Nildo ainda possui certa clientela que encomenda as peças, e se responsabiliza em colher e trazer as taquaras até sua casa. Segundo ele, não poder selecionar as taquaras para tecer faz muita diferença, pois como os outros entrevistados, ele também afirma a importância de saber colher as taquaras, assim como esperar a lua certa, ou seja, a lua minguante.

Relatando com gosto sobre sua arte, seu Nildo contou que para

fazer uma peneira de bom tamanho, utiliza 12 lascas de taquara. Como os gomos da taquara tem que ser os mais compridos, de 50 cm para mais, acabam sendo as mais grossas e destas, ele lasca ao meio e vai lascando de largura igual, num resultado de 12 lascas cada gomo.

Ele ainda contou a seguinte história “A peneira tem um significado. Quando dá chuva feia, a gente joga a peneira lá fora, na chuva e logo a chuva vai se desmanchando, as nuvens vão se abrindo e isso é por causa da cruz que tem na peneira”. Mesmo ele estando doente, esforçou-se ao máximo para ajudar, contou causos e até ensinou remédios “No tempo de antigamente quando não tinha remédio de farmácia, a água que fica dentro do gomo da taquara era dada para as crianças que estavam com tosse comprida” (Coqueluche).

Em sua simpatia acolhedora, depois de muita conversa, perguntou muitas coisas sobre o porquê de eu procurá-lo. Relatando sobre o curso Arte no Campo, perguntei-lhe se ele sabia que aos nossos olhos ele era um artista e para espanto, ele disse: “Sabe que sou mesmo? Eu toco gaita. Quer ver?” Neste momento, buscou sua preciosidade, a gaita, tocou e cantou algumas músicas com alegria em mostrar o que sabe. A cada visita uma surpresa, experiências vividas e aprendidas com pessoas que nunca estiveram em uma universidade, porém, tem muito a ensinar.

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar [experimental]. A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova [...] A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência. A experiência é a passagem da existência, de um ser que não tem essência ou razão ou fundamentos, mas que simplesmente ex-iste de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. (BONDÍA, Jorge Larrosa)⁶.

O fato de ele ter tocado gaita mostra que ele quis agradar, mas por outro lado, percebe-se que ele não vê o trabalho com a taquara como Arte e talvez como um passatempo ou algo sem importância. Não seria uma das causas pela qual seu filhos não se interessaram em aprender?

Entrevistando e fazendo parte da rotina destas pessoas, foi observado em todos os lugares, residências e galpões que o uso de utensílios como cestos, balaios, peneiras, cestas, pás para abanar o fogo dentre outros são comuns. Mas apesar desses utensílios serem bem presentes nestas pequenas propriedades agrícolas, é um número bastante restrito de pes-

⁶ Ver em: Revista Brasileira de Educação. Em: www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf (Acesso em: 27 de abril 2015).

soas que dominam a técnica, o que reafirma a relevância desta pesquisa.

Refletindo sobre a Arte e sua função, compreende-se que ela é uma das formas do conhecimento deste mundo. Busca passar pelo sensível, o que nem sempre é fácil de ser compreendido. A Arte não é ciência, pois não busca comprovar nada a ninguém, no entanto, sua função vem a ser sensibilizar para haver transformação, mediar situações e relações, onde em um primeiro olhar seja apenas um olhar, mas num segundo olhar, ele se torne em ver, enxergar a criatividade, a beleza e a sensibilidade que se façam presentes. Não basta apenas olhar, mas ver e interpretar as entrelinhas, para propor novos acontecimentos junto a uma certa realidade. Conforme escreve Bourriaud:

A possibilidade de uma arte relacional (uma arte que toma como horizonte teórico a esfera das **relações humanas e seu contexto social** mais do que a afirmação de um espaço simbólico autônomo e privado) atesta uma versão radical dos objetivos estéticos, culturais e políticos postulados pela arte moderna (BOURRIAUD, 2009, p. 20).

Sob esta ótica, no caso das necessidades enfrentadas pelo homem do campo o diálogo, e a rearticulação de falas passadas de geração a geração, possibilitou a interação e a reflexão em grupo resultando em um comparativo. Deste modo, viu-se na Arte a aliada para possíveis mudanças positivas sobre os problemas sociais e ambientais vivenciados.

Este é um desafio da Arte Relacional, a qual aponta para formação de um tipo artístico que luta por reconhecimento na sociedade, buscando sair da linha de marginalidade da arte, por não se encaixar dentro de uma cultura, a cultura elitista. Ao mesmo tempo, este artista necessita de algum grau de reconhecimento de sua genialidade, de sua criatividade para poder continuar existindo.

Concomitantemente a este tipo de sistema artístico, Kester, em seu texto *“Colaboração, arte e subculturas”* (2006), defende ainda outro tipo de colaboração, uma colaboração de autoria dispersa ou coletiva, ou em formas de produção com base no processo e na interação colaborativa de um grupo. Tal sistema é visto com desdém por não seguirem a lógica do capital. São trabalhos desafiadores tanto para o artista quanto para o espectador por meio de encontros colaborativos de longo prazo, exigindo persistência por parte do artista e do espectador.

Kester, (2006) argumenta ainda que as disciplinas convencionais tendem a “esteticizar”, catalogar problemas em domínios fechados, onde são usadas soluções elegantes, porém, demasiadamente ineficazes diante

de situações que são complexas e estão interligadas de maneira transversal com outras áreas, deixando de lado a subjetividade do indivíduo, impedindo-o de ser atuante, de usar seu potencial criativo, voltado para as necessidades deste mundo e com o outro como afirma também Guattari:

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, como o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do socius em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época (GUATTARI, 2009, p. 55).

Diante desta citação, o compromisso consigo, com o outro e com o ambiente, com o mundo em si, desde animais ou vegetais, vem se tornar bem maior, tendo como propósito fazer ligações entre os seres, retomando relações atualmente esquecidas de maneira a tornar este mundo melhor de se viver.

Nas palavras da educanda D: “Sabe, eu gostei muito deste trabalho. Tudo o que aprendemos em sala e ao ar livre foi legal. Foi muito divertido ter novas experiências”. Segundo Bondía (2002), “o saber de experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal”. A experiência dela pode não ter sido igual a dos outros participantes, pois somos únicos, singulares e o que pode fazer sentido para ela pode perfeitamente não ter o mesmo significado para um outro participante, pois depende da sensibilidade de cada um.

As falas foram de suma importância para análise dos resultados da oficina. De acordo com o relato da educanda T, “É um trabalho diferente voltado à cultura de nossos avós e pais, ou seja, dos nossos antepassados e é bom relembrar como era antigamente, como as pessoas viviam e o que faziam para sobreviver”.

Educando D: “Estamos resgatando uma cultura esquecida, coisa que poucas pessoas sabem fazer. Na minha família ainda tem gente que faz este trabalho com taquara. É o meu pai e a minha avó”.

Já o educando W viu o trabalho de um outro ângulo: “Eu aprendi a fazer cesto! Pra mim, que moro na roça é muito útil. Obrigado professora!”

Enquanto cada um comentava sua conclusão, mãos trabalharam intensamente na busca de concluir sua peça e mostrar para o restante da escola o que conseguiram aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identificação pessoal com Artes Visuais foi um ponto forte na escolha do tema para pesquisa, principalmente depois da disciplina “Laboratório de Criatividade”, que trabalhou a Arte de maneira que nada é pronto e acabado, mas sim criativo. Mostrou também que a beleza está nos olhos de quem a vê, admira e principalmente, durante o processo, instaura espaços para o diálogo aberto, propicia tempos de convívio e deixa-se contaminar pelo saber do outro.

Seguindo por uma linha de pensamento de que a arte produzida por uma cultura fala muito sobre ela, o motivo do possível desaparecimento, de acordo com as entrevistas, seria causado pela desvalorização não somente cultural, mas também de mercado, o qual foi afetado pelo comércio de muitos produtos que passaram a ser produzidos de forma industrial.

Foi possível perceber por meio dos relatos, tanto dos taquareiros quanto dos alunos que participaram das oficinas, que quando a aprendizagem do trabalho com taquara se inicia desde criança ela tende a permanecer durante a vida adulta.

Apesar de a taquara ser um material renovável, de grande resistência e inofensivo para a natureza, a cultura da população regional pesquisada relata que esta arte é de grande beleza e resistência, mas de alto custo para quem a compra. Quanto a responsabilidade com o meio ambiente, tratam o assunto como algo inexistente.

O que ficou claro é que, infelizmente, a consciência ecológica também ainda não foi despertada nem nos consumidores, nem naqueles que fazem uso desta planta. Houve relatos dos próprios artistas que há pouco tempo o corte da taquara foi proibido pelo IBAMA nesta região, pois esta vinha sendo cortada e usada desastrosamente sem planejamento, como suporte das plantações de tomate.

Enfim, mais do que tecer uma peça em taquara, a oficina proporcionou a troca de experiências, fortalecimento dos laços de amizade daqueles que já se conheciam e oportunidade para novas amizades para aqueles que ainda não se conheciam tão bem, como no meu caso, que cheguei de repente com propostas “diferentes”, nas palavras dos educandos.

De modo geral, os objetivos almejados foram alcançados. O mapeamento superou minhas expectativas, pois conheci pessoas, escutei histórias e me superei conseguindo além de aprender, ensinar o que aprendi, multiplicando saberes.

Estradas de terra, buracos e barro. Caminhadas mato à dentro e ferimentos acidentais foram alguns dos empecilhos que enfrentei. Em contrapartida o sorriso de satisfação dos entrevistados, o carinho e atenção que recebi da parte deles é um presente o qual não esquecerei.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Henri & Coli, Luis Régis. *Disputas Territoriais e Disputas Cartográficas*. In: Acselrad, H. (org). Cartografias sociais e território. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

_____. *Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

_____. *Estética Relacional*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2006. 144 p. KESTER, Grant H. Conversation pieces: collaboration and artistic identity. In: Unlimited Partnerships: Collaboration in Contemporary Art, CEPA Gallery. Buffalo: New York, 2000. Disponível em: Acesso em 31 de maio de 2008. Colaboração, arte e subculturas. In: HARA, Helio. (Org.) Caderno Videobrasil

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Madrid: Pretextos, 2009.

_____. *As três ecologias*. Campinas/SP: Papirus, 2004.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. In: Revista Brasileira de Educação, n. 19, Jan/fev/mar/abr. 2002, p. 20-28. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Disponível em <tp://www.miniweb.com.br/atualidade/INFO/textos/saber.htm>